

# Os cafeicultores e os generais

(Especial para o "Correio do Povo")

2. 578.

## GUSTAVO CORÇÃO

Dois assuntos encheram a semana passada: a marcha da produção e a aposentadoria ou reforma dos generais. O leitor futuro, que acaso venha a encontrar alguma página de jornal desta semana, julgará que foram estes os dias mais felizes e prósperos da república, uma vez que se fala em marcha da produção e em descanso dos militares. Que mais poderia querer uma nação em pacífico desenvolvimento? Já Michelet profetizava o dia em que a humanidade, saturada dos horrores da guerra, há de arrancar das paredes dos museus, como impróprios, como obcenos, os quadros que representam batalhas ou marchas militares; e outro autor, não menos celebre, anunciou o seculo em que os canhões se transformarão em enxadas e arados. A julgar pelos títulos das notícias recentes, começou para o mundo, pelo Brasil, a nova era de paz e de concordia.

Infelizmente para o mundo e para nós ha uma impropriedade de termos naqueles títulos. A marcha da produção não é uma marcha da produção; é um movimento de protesto, é um desfile de caminhões que viriam à Capital reclamar providencias, ou reclamar justiça (na opinião dos cafeicultores). Ora, enquanto marcha o protesto imobiliza-se a produção, esvai-se o país, e perdemos todos. Por outro lado a reforma dos generais também não pode ser encarada como um começo de desarmamento geral. Todos nós sabemos que a principal atividade do exercito brasileiro é tão pacifica que não chocaria o proprio Michelet. Já me disseram, maliciosamente, que a principal atividade do exercito brasileiro consiste simplesmente em gastar dinheiro, e

muito, e que, para levar essa atividade à sua maior perfeição, inventou-se aqui um truque, um troço legal, uma geringonça juridica, administrativa e militar, pela qual o militar em repouso, o militar em cochilo, o militar de pijama gasta ainda mais dinheiro do que nas repartições. Parece que este país é o único do sistema planetário em que funciona tal sistema. Mas agora chamo a atenção do leitor para a lógica daquilo que lhe parecia tão absurdo. Se a principal função é gastar dinheiro, então é natural que o tempo de serviço, o mérito, e as demais categorias fardadas colimem esse objetivo principal; e é naturalissimo que no ápice da carreira esteja aquela inatividade, ou melhor, aquela suprema atividade, aquele puro gastar-dinheiro que no pijama realiza a quinta-essencia da vocação militar.

Dentro dessa filosofia, estão certos os senhores Ministros do Supremo que acabam de "solucionar favoravelmente o caso dos generais que passam a marechais, e que doravante terão de ir, uma vez por mês, receber a soma de 87.000 cruzeiros (e não 114.000 "como maliciosamente informaram alguns desavisados") pelo trabalho que tiveram de ficar em casa, à toa durante vinte e nove dias, de pijama. Os cafeicultores é que estão errados. Voltem ao trabalho, amigos, e depressa. O Brasil precisa de café, de divisas, de produção, de esforço, de suor de muitos, de lagrimas de alguns, para sustentar os juizes que sustentam os marechais que cochilam e bocejam à razão de 87.000 cruzeiros por mês. O Brasil precisa sustentar as loucuras de Brasília, precisa sustentar a corrupção, a preguiça e todos os muitos vícios de uns poucos. Trabalhemos, trabalhemos...